

**Os ventos do norte também
podem mover moinhos?
“como sobreviver a uma praga” e
respostas à epidemia de HIV/AIDS**

*can north winds also move windmills?
“how to survive a plague” and
responses to HIV/AIDS epidemic*

Tiago Amaral Sales

Mestre e Doutorando em Educação (UFU)

e-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

08

Resumo

Este texto reflete em respostas acerca da epidemia de HIV/aids a partir do documentário “How to survive a plague”, traduzido para “Como sobreviver a uma praga”, dirigido por David France e lançado em 2012. O filme, pensado com suas potências pedagógicas, traz registros de enfrentamentos à aids nos Estados Unidos, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, a partir do ACT UP, coletivo de luta pela vida das pessoas com HIV/aids. Utilizo a cartografia como forma de percorrer os trajetos audiovisuais na procura de forças e afetos que permitam refletir nos impactos epidêmicos no passado e no presente. Penso nos ventos do Norte como o que venta do Norte, pelo Norte e para outros lugares do planeta, em diálogo com a música “Sangue Latino” de João Ricardo e Paulinho Mendonça (1973), à procura de potências que somem com ventos outros e possam também mover moinhos no Sul em relação a dilemas contemporâneos do HIV/aids.

Palavras-chave: Cartografia; Cinema; Educação; HIV/aids.

Abstract

This text reflects responses about the HIV/AIDS epidemic starting from the documentary “How to survive a plague”, directed by David France and released in 2012. The movie, though with pedagogical potentials, brings records of confrontations with AIDS in the United States, especially in the 1980 and 1990 decades, from the ACT UP, fight collective for the lives of people with HIV/AIDS. I use cartography as a way to go through the audiovisual paths in search of forces and affections that allow me to reflect about epidemic impacts in the past and present. I thought about North winds like what wind from the North, in North and to others places around the planet, in a dialogue with the João Ricardo and Paulinho Mendonça music “Sangue Latino” [Latin Blood] (1973), looking for potentials that add with others winds and can move wind-mills in South in relation to contemporary dilemmas of HIV/AIDS.

Key-words: Cartography; Cinema; Education, HIV/AIDS.

Para mim, se considero, pestes, tormentas, guerras, são produtos da mesma força cega, operando uma vez através de micróbios inconscientes, outra vez através de raios e águas inconscientes, outra vez através de homens inconscientes.

Fernando Pessoa (2019, p. 87)

O mundo? Sua história impiedosa e trágica é o meu passado.

Clarice Lispector (1978, p. 89)

O ano de escrita deste texto é 2020 e o mundo vive a pandemia de covid-19, deixando incontáveis mortos¹. Enquanto um número considerável de pessoas morre diariamente, setores econômicos insistem em um retorno imposto de uma normalidade pré-pandêmica que movimenta o consumo desenfreado e cego; laboratórios correm na tentativa de encontrar vacinas² e tratamentos eficazes para conter o novo vírus. Estariam eles preocupados com o número de vidas perdidas ou apenas à procura de uma fonte certamente muito lucrativa?

1 Até o dia 20 de setembro de 2020, registrava-se no mundo 954.417 mortes pela covid-19 (presente no site da World Health Organization <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>> acessado em 20/09/2020), sendo 136.532 destas mortes no Brasil (presente no site do Ministério da Saúde <https://covid.saude.gov.br/> acessado em 20/09/2020). Durante a última revisão deste texto, no fim de maio de 2021, estes dados foram atualizados para 3.519.175 de mortes no mundo (presente no site da World Health Organization <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>> acessado em 29/05/2021) sendo 461.057 no Brasil (presente no site do Ministério da Saúde <<https://covid.saude.gov.br/>> acessado em 29/05/2021).

2 No período de primeiras escritas deste texto, em meados de 2020, ainda não existiam vacinas aprovadas para a covid-19 no mundo, porém diversas estavam em fases de testes. Durante sua última revisão, no fim de maio de 2021, várias vacinas já haviam sido aprovadas para impedir a doença, porém alguns poucos países ricos do Norte global concentravam a maioria das doses aplicadas, enquanto tantos outros lutavam para conseguir, vagarosamente, imunizar suas populações. Enquanto isso, no Brasil, o número de mortes pela doença seguiam crescendo vertiginosamente e a vacinação caminhava lentamente, fruto também de posicionamentos políticos no país que negligenciaram a gravidade da pandemia, não priorizaram a compra de doses das vacinas e não investiram em medidas eficazes para conter a disseminação viral.

Enquanto vivo este contexto pandêmico, me lembro de um outro vírus que continua em movimento e levando milhares de pessoas ao adoecimento e morte até os dias de hoje: o HIV³, potencial causador da aids⁴. O local de começo das infecções ainda é questionável e apresenta uma certa incerteza, mas registros apontam que em “1959 um homem que morreu de pneumonia no Congo teve, anos mais tarde, a comprovação de que era um caso de infecção pelo HIV, confirmado a partir de amostras guardadas de seu sangue” (RACHID, 2020, p. 118), mas só anos mais tarde sua existência foi noticiada.

Na década de 1980 ocorreu uma explosão de casos de infecções pelo HIV e mortes em decorrência da aids. Em “junho de 1981 o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos publica um relatório sobre cinco homens homossexuais, previamente saudáveis, apresentando pneumonia por um fungo (...) que não atinge pessoas com sistema imunológico norma” (RACHID, 2020, p. 118), mas demorou um tempo para o termo AIDS ser cunhado. Segundo Marcia Rachid (2020, p. 118), em:

Julho de 1982 é proposto o termo AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) pela primeira vez em uma reunião em Washington com líderes da comunidade gay, burocratas federais e membros do CDC para substituir o termo anterior, GRID (Deficiência Imunológica Relacionada a Homossexuais), pois as evidências mostravam que não era exclusiva de homens homossexuais (RACHID, 2020, p. 118).

A aids tem uma história sinuosa repleta de invisibilidades, negligências, descasos, estigmas, marginalização e violências. Quando ganhou visibilidade, a maioria dos casos descobertos concentrava-se em homens

3 Sigla utilizada para definir o vírus da imunodeficiência humana.

4 Uso aqui aids em letras minúsculas ao me referir a palavra “aids” incluída na língua portuguesa e não a sigla AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome, traduzido para o português por Síndrome de Imunodeficiência Adquirida).

gays, sendo cunhado o termo GRID (Deficiência Imunológica Relacionada à Homossexualidade). Mesmo com a comprovação de que a infecção poderia atingir pessoas independentemente do gênero e orientação sexual, utilizou-se o termo “grupo de riscos”, associando-a a homens que faziam sexo com homens, usuários de drogas injetáveis, profissionais do sexo e hemofílicos, negligenciando atenção para outros grupos⁵.

Anselmo Alós (2019), ao pensar nas narratividades e discursividades relacionadas à aids, realiza um percurso por entre diversas produções literárias, cinematográficas e artísticas. O autor reflete que o surgimento da aids marcou intensamente diversas subjetividades e, em especial, a de homens gays:

Antes do advento da aids, todas as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) pareciam facilmente administráveis com o uso de antibióticos. ISTs virais (tais como o condiloma acuminado, o herpes e as hepatites) estavam muito longe de serem consideradas mortais. É inegável o impacto que a pandemia de HIV/ aids teve na associação da sexualidade homossexual (em especial da masculina) à morte e à doença. Mas, provavelmente, o impacto maior se deu com relação às maneiras que os próprios homens gays se relacionam com a sua identidade sexual e com as suas práticas sexuais. O advento da aids alterou profundamente o que é e o que se espera (em termos de práticas sexuais) de um homem gay. Determinados slogans, práticas e atitudes outrora louvados em função de sua elevada voltagem política, tais como o livre uso do corpo, o exercício dos prazeres e o rechaço à monogamia (encarada como o baluarte da política e da moralidade sexual heteronormativa) passaram a ser taxados como comportamentos de risco, abandonados e rejeitados pelas próprias comunidades gays. A liberdade sexual, a poligamia e a

5 Para mais informações sobre estes trajetos da aids, sugiro a leitura do livro “A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós” de Eduardo Jardim (2019) e o capítulo “Marcos históricos da aids no Brasil e no mundo” presente no livro “Sentença de vida - histórias e lembranças: a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo”, de Marcia Rachid (2020).

experimentação de estados alterados de consciência através do uso de drogas recreativas passam a ser consideradas não mais como posturas anárquicas de liberdade política ou de vanguarda sexual, mas como atitudes irresponsáveis, autodestrutivas, quando não suicidas (ALÓS, 2019, p. 7).

Práticas, desejos e existências foram intensamente marcadas com o surgimento da aids e sua produção discursiva, como reflete Alós (2019). No início do aumento de casos, consistindo na década de 1980 até meados da década de 1990, não existiam tratamentos eficazes para a infecção pelo HIV. Assim, um grande número de pessoas morreram pelo mundo. Negligências estatais e artimanhas da indústria farmacêutica marcaram este período, precarizando a vida das pessoas com aids e ocasionando na morte de muitas delas. No meio desse caos, surgiram movimentos sociais que lutaram por melhorias no tratamento à aids, sempre na tentativa de preservação da vida destas pessoas.

É neste cenário que se passa o documentário “*How to survive a plague*” (2012), dirigido por David France, escrito por David France, T. Woody Richman e Tyler H. Walk, produzido por Howard Gertler e David France através da *Public Square Films*⁶, sendo considerado um dos cinco melhores documentários do ano de 2012 pelo jornal *The New York Times*, definido como “uma história notável de perda, amor e ativismo durante os piores anos da epidemia de AIDS”⁷. Em tradução literal, seu título é, em português, “Como sobreviver a uma praga”, e constrói narrativas a partir das vivências em momentos críticos da epidemia, em conexões com a atualidade.

As cenas se passam nos Estados Unidos, acompanhando o ACT UP, que é a “sigla da *AIDS Coalition to Unleash Power* (Coalizão da

6 Informações presentes no site oficial do documentário (acessado no dia 19/09/2020 <https://surviveaplague.com/see-the-doc>).

7 Presente na página do jornal *The New York Times* (acessado no dia 19/09/2020 <https://www.nytimes.com/2012/12/16/movies/a-o-scotts-25-best-films-of-2012.html?pagewanted=all>).

AIDS pelo empoderamento), um coletivo internacional de ação direta em defesa das pessoas que vivem com HIV/AIDS” (ACT UP, 2016). Sobre o ACT UP, Eduardo Jardim (2019, p. 24) afirma:

O ACT UP, criado em 1987, foi o grupo de maior destaque nesse contexto. Um pequeno círculo se formou em Nova York, reunindo-se todas as segundas-feiras à noite, com o objetivo de providenciar suporte material e psicológico para a população doente. Em seguida, foram criados meios de forçar o governo e os laboratórios farmacêuticos a acelerar a produção e a comercialização de medicamentos. Àquela altura, a única droga disponível era o AZT, extremamente tóxica e nem sempre eficaz. Seria preciso esperar mais de dez anos pela liberação de novos remédios. Por este motivo, os dois lemas da organização foram: Silêncio = Morte e Remédios em nossos corpos (JARDIM, 2019, p. 24).

O documentário traz narrativas de momentos de dor, sofrimento, raiva e, sobretudo, luta. Muita luta. Momentos em que a epidemia de HIV/aids apresentava-se com facetas outras em relação aos tempos atuais. A incerteza marcava a vida e morte das pessoas infectadas pelo vírus em decorrência dos tantos desconhecimentos epidemiológicos e escassas possibilidades de tratamento. A partir da produção audiovisual, penso nas potências que esta carrega, nos afetos e atravessamentos com ela, e em possibilidades de conexões.

Fui, com o documentário, provocado a pensar em cenários do passado e ventos do Norte. Utilizo aqui a imagem das regiões geográficas como formas de pensar de acordo com a localização de cada acontecimento. O Norte diz respeito ao norte global, em especial aos Estados Unidos e a Europa, regiões que se consolidaram historicamente como centros de poder econômico, político, epistemológico e médico. Penso também com o Sul, em referência ao Brasil e outros países da América Latina, por exemplo. Segundo a concepção de Boaventura Sousa Santos,

“o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural” (2020, p. 15). Espaço-do-Sul que engloba os povos marginalizados, subalternos, vulnerabilizados, mas também resistentes. Para cada Sul existem saberes-do-Sul. O pensar pelo Norte é historicamente marcado por características colonizatórias e hegemônicas, mas será que alguns ventos que vêm do Norte também podem nos ajudar a ventar em direções outras aqui no Sul? Para tal, reflito juntamente da produção audiovisual, de suas narrativas, das atuações do ACT UP e das ressonâncias imagético-sonoras e artísticas que afetaram meu sangue latino⁸.

Decido me aventurar nas histórias e geografias abordadas no documentário, traçando uma cartografia audiovisual das forças nele desenhadas, e em como estas reverberam em mim. “No movimento de sua pesquisa, o cartógrafo encontra-se com coisas, corpos, ações, paixões, algo que o inquieta e que convém; mapeia movimentos de territorialização das linhas; indica movimentos de desterritorialização” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 171). Sobre a cartografia, Rolnik (2011, p. 23) afirma:

A cartografia (...) acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 2011, p. 23).

8 Inspirado na música “Sangue Latino” de autoria de João Ricardo e Paulinho Mendonça, gravada no álbum 1973 da banda Secos e Molhados.

Coloco-me no movimento de cartografar, deglutindo elementos que pudessem compor nas análises-afetivas que aqui construo, digerindo com o corpo todo na produção de um pesquisar entre educação e cinema. Penso na educação como algo que acontece sobretudo pelo encontro: encontro físico-corporal, visual, auditivo. Encontro com o outro. Pelo cinema, também se educa: nos encontros entre imagens, corpos, afetos, perceptos, experiências, criam-se pedagogias. Pedagogias do cinema? “Uma pedagogia do cinema, antes de estar relacionadas a certos conteúdos, se constitui como forma de conhecer e compartilhar conhecimento” (MIGLIORI; BARROSO, 2016, p. 17).

Através de um documentário é possível percorrer uma gama de vivências, dialogando com a realidade de quem assiste e de quem produz, na medida em que possibilita também transportá-los para universos outros, costurando experiências. Ocorrem processos de aprender-pela-imagem: diálogos com os movimentos lá existentes, conexões. Assim, o objetivo deste texto é pensar nas forças, potências e afetos possíveis através do encontro⁹ com o documentário “*How to survive a plague*” (2012), pensando nas educações que nele habitam, dialogando com outras referências acadêmicas e artísticas. Cartografar é percorrer os afetos e, ao sermos afetados, também aprendemos.

Percorrer as forças presentes no documentário “*How to survive a plague*” (2012), escutar as formas que ele me inquieta, permitindo pensar e devir. Perambular pelas potências e afetamentos possíveis a partir dele, nos encontros de quem assiste e a produção audiovisual. O documentário é fruto de uma polifonia que atravessa períodos históricos e sociais de grande importância para o mundo e, em especial, para as

9 A filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari me auxiliou a pensar em diversas questões epistemológicas que atravessam esse texto. Assim, mesmo que não referenciados diretamente, diversos conceitos pensados por estes autores, como cartografia, afeto, potência, encontro, devir, território e multiplicidade, permeiam a construção do texto.

populações LGBT+¹⁰ e as pessoas que, de alguma maneira, foram e continuam sendo afetadas pelo HIV e a aids. Dessa forma, as escritas que se seguem não buscam narrar ou resumir o que se passa neste filme em totalidade, mas dar vazão para percepções e inquietações, estando abertas para as ressonâncias por ele possibilitadas e em diálogo com pensamentos outros de tempos variados. Para tal, percorro o documentário e trago também alguns recortes de cenas nele presentes que me impactaram, cartografando-o.

Entre ventos e ventanias¹¹: como sobreviver a uma praga?

Imagens de um tempo em que a aids era uma sentença de morte. E assim o documentário começa, relembrando da fatalidade rápida e certa que consistia em viver com HIV no início do aumento de casos da epidemia, que aconteceu na década de 1980. Imagens de pessoas com aids em estado avançado abrem o documentário e, ainda no primeiro minuto, contextualiza-se: no sexto ano da epidemia, “sem drogas para tratar a doença, aids é quase 100% fatal”¹².

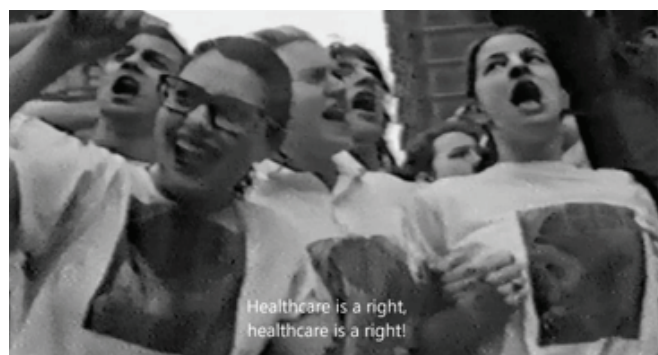
As narrativas da produção concentram-se nas experiências que aconteceram na cidade de Nova York, um dos epicentros da epidemia nos Estados Unidos naquele momento, mas também percorrendo acontecimentos que surgiram em outras cidades do país. Rapidamente, parte-se para o ACT UP, movimento de luta em defesa da vida das pessoas com HIV/aids. O coletivo é movido por uma raiva: raiva potente em direção à sobrevivência, à conservação da vida que vibra nas pessoas acometidas pela aids, do fim de uma política mortífera descarada.

10 Sigla utilizada para englobar os corpos e experiências dissidentes à norma heterossexual e cisgênera, remetendo aos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, entre outros.

11 Inspirado na música “Vento, Ventania”, composta por Álvaro, Bruno, Sheik, Miguel, Coelho e Beni, integrantes da banda Biquini Cavado, presente no álbum Descivilização, lançado em 1991.

12 Fala presente no primeiro minuto do documentário e tradução minha.

Imagens 1 e 2 – Cenas presentes no documentário no minuto 1 e 5, respectivamente, mostrando encontros do ACT UP. Na Imagem 1 é possível ver uma reunião do coletivo em um espaço fechado e de discussões, trazendo como legenda o grito “ACT UP, fight back, fight AIDS!”, traduzido por mim como “ACT UP, lute de volta, lute contra a AIDS!”. Já na Imagem 2 é possível ver um encontro em um protesto com o grito “Healthcare is a right!”, traduzido por mim como “Cuidado à saúde é um direito!”. Fotos convertidas para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



O ACT UP marca uma resposta em relação à epidemia de aids nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo. Um posicionamento movimentado pela raiva, potência de preservação da vida. Sobre a raiva, Paulo Freire (2018, p. 41) afirma que:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva¹³, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade (FREIRE, 2018, p. 41).

A raiva, naquele momento, era, quem sabe, a única possibilidade de lutar pela vida. Um grito em luta, em movimento, em esperança. Raiva justa, não odiosidade. Raiva que movimentava em direção à união, à solidariedade, ao abraço e ao grito. Grito, que como diz Clarice Lispector, salva: “O que me salva é o grito. Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do atrás do pensamento-sentimento. Sou um objeto urgente” (LISPECTOR, 1973, p. 87). Corpos-objetos urgentes protestando na tentativa de escapar: fugir da morte anunciada ao ser infectado por um vírus que atingia massivamente a população masculina e gay em um período no qual não existia tratamento eficaz e muito menos interesse governamental, industrial e científico em produzi-lo.

Assim como a luta e participação do grupo ACT UP estiveram presentes ao longo do documentário e do enfrentamento da epidemia na cidade de Nova York, o grito ecoava no coletivo, na potência de formas corporais de luta. Unidos, pessoas vivendo com HIV/aids, familiares, amigos, profissionais da saúde e corpos aliados participaram da organização e militância do coletivo.

Entre cenas e retratos de tempos outros da aids - que a depender da localização social-econômico-geográfica não são tão diferentes dos atuais - o documentário atravessa períodos históricos e a quantidade registrada de vidas ceifadas. Durante o caminhar do filme, é retratado

13 O autor exemplifica esta “justa raiva” em nota de rodapé: “A de Cristo contra os vendilhões do Templo. A dos progressistas contra os inimigos da reforma agrária, a dos ofendidos contra a violência de toda discriminação, de classe, de raça, de gênero. A dos injustiçados contra a impunidade. A de quem tem fome contra a forma luxuriosa com que alguns, mais do que comem, esbanjam e transformam a vida num desfrute” (FREIRE, 2018, p. 41).

cronologicamente o número de pessoas que morreram em decorrência da aids. Decido trazer estas informações para compor a cartografia. No ano de 1987, atingiu-se a marca de 500.000 mortes. Histórias de luta, esperança, vida, morte, desesperança.

“- O QUE NÓS QUEREMOS?

- A CURA!

- QUANDO NÓS QUEREMOS?

- AGORA!”¹⁴

Gritos em um protesto do ACT UP em 24 de março de 1987 exigem a cura, na tentativa de manter existências vivas. No coletivo, as pessoas se fortalecem. Cenas de reuniões do grupo, de protestos, de corpos adoecidos pela aids, de luta, de vida e de morte vão se entrecendo. Coletivo-protesto-doença-vida-morte. Vírus? Protestar, gritar, exigir o direito de permanecer vivo. Protestos nas ruas, em praças, hospitais, igrejas, laboratórios, congressos. Coletivos, na força-do-bando, gritar. Euforia. Esgotamento.

Respiros.

Magreza. Manchas. Sarcoma de Kaposi. Bactérias, protozoários, fungos. Pneumonia. Morte? Aids.

Relatos compõem a narrativa: cientistas, militantes, enfermeiras, pacientes. Grupo, solidariedade. Personagens icônicos participam destes trajetos ativistas e da produção audiovisual, como o escritor Larry Kramer e o ator Jim Eigo.

A resistência frente à morte pela aids exigiu um grande conhecimento dos militantes acerca das engrenagens do campo-de-poder científico. Assim, reuniões aconteciam para discutir artigos científicos e compreender campos biotecnológicos, farmacopolíticos, espaços que possibilitavam esperanças ao entender o que acontecia nos corpos infectados.

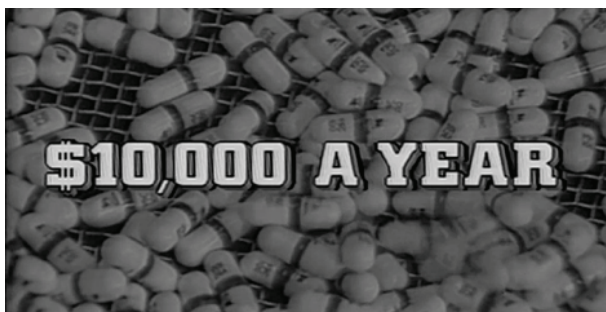
14

Presentes no nono minuto do filme e tradução minha.

Tratamentos? Medicamentos?

AZT: abreviação para zidovudina, nome da primeira substância produzida e cientificamente eficaz no tratamento da infecção do HIV. Porém, devido ao monopólio da indústria farmacêutica, seu tratamento chegou a custar 10.000 dólares por ano. O ativista Peter Staley afirma que “AZT foi a droga mais cara na história. Eles cobram 10.000 dólares em um ano [Imagem 3]”¹⁵, seguido por cenas de um protesto e a marca de 800.000 vidas perdidas pela aids no mundo, alcançada no ano de 1988.

Imagem 3 - Registro do minuto 20 do documentário com imagem de comprimidos e a mensagem “\$10,000 A YEAR” traduzido por “\$10.000 POR ANO” referente ao valor anual em dólares gasto com o tratamento pelo A.Z.T. Foto convertida para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



Hospital. Dor. Vazio. Descanso? Em meio a cenas de hospitais, doença e morte, Barbara Starrett conta que “uma das piores coisas quando pessoas morriam no hospital, eles os colocavam em sacos de lixo pretos. Isso era realmente horrível. E nem todo salão de funeral receberia pacientes que morreram de aids”¹⁶. Contextos pandêmicos? Cenas que se repetem em diversos lugares do Brasil e do mundo com a pandemia de covid-19 no ano de 2020.

15 Fala presente no minuto 20 do documentário e tradução minha.

16 Fala presente no minuto 21 do documentário e tradução minha.

Imagem 4 - Vazios. Registro do minuto 21 do documentário. Foto convertida para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



Vazios na cama, na maca, no corpo, no hospital (Imagem 4). Drogas não-comprovadas, experimentais. Corpos, cobaias, fragilidades da vida. Com a cena da cama em um hospital e a situação de cobaia, recorde do ensaio do artista Paulo Buenoz (2009) e as dobras (im)possíveis a partir da vivência como um corpo-cobaia em um experimento para aprovação de um remédio para aids:

Quais as reais consequências do corpo físico? O fígado vai resistir? O que de mim vai conseguir sobreviver? O que tal droga/ medicamento injetada no corpo realmente desencadearia nas minhas sensações? Aquele líquido estranho sendo penetrado não sei onde, agindo por caminhos desconhecidos. Eu nunca mais seria o mesmo (BUENOZ, 2009, p. 242).

Tentativas, tentativas e mais tentativas: qual o custo para tentar manter a vida? Interesses farmacocômicos, caminhos solitários. Coragem?

Jim Ego afirma: “pessoas com aids, o que a maioria delas pensava sobre era ‘Oh, drogas, como eu consigo isso fora do mercado?’”¹⁷, devida impossibilidade e lentidão em consegui-las legalmente. E assim, as cenas seguintes chegam a um grande protesto no *United States Food and*

17 Fala presente nos minutos 23 e 24 do documentário, tradução minha.

Drugs Administration - F.D.A. (Administração de Comidas e Drogas dos Estados Unidos), com o depoimento de um militante sendo levado preso que relata que “Nós não sabemos para onde eles estão nos levando. Nós estamos aqui porque esse governo tem os recursos para lidar com a epidemia de aids, e eles não farão isso a menos que nós os forcemos”¹⁸.

Moralismos. Silenciamentos. Violências. Mortes. “Silence = Death”, Silêncio = Morte, diz o lema do ACT UP.

Imagens 5, 6 e 7 - Registros de protestos do ACT UP presentes no documentário nos minutos 26, 27 e 34, respectivamente. Fotos convertidas para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



18 Fala presente no minuto 27 do documentário, tradução minha.

Protestos, militâncias, movimentos, respostas (Imagens 5, 6 e 7). Certezas? Nenhuma. Lutas. Procuras por possibilidades: tratamentos para a aids e também as doenças oportunistas que acompanhavam estes avançados da infecção pelo HIV. Atitudes adentrando espaços-proibidos, como no protesto que aconteceu em uma reunião do F.D.A. na tentativa de aprovar um remédio para o tratamento do citomegalovírus, vírus causador de infecção oportunista que atinge pessoas em estado de aids e, em muitos casos, leva a cegueira. Na Imagem 7, protestantes do ACT UP levantam cartazes com frases “SEE THE LIGHT. DHPG WORKS.” e “THE FDA IS MAKING PEOPLE WITH AIDS GO BLIND”, traduzidos por mim como “VEJA A LUZ. DHPG FUNCIONA” e “O FDA ESTÁ FAZENDO PESSOAS COM AIDS FICAREM CEGAS”¹⁹.

Narrativas afetivas e fármaco-bioquímico-moleculares entrecruzam-se na explicação da atuação de antirretrovirais. Viradas, revoluções, mudanças, marcas. Um corte: é o ano de 1989²⁰ e mais de um milhão e duzentas mil pessoas morreram pela aids. Neste mesmo momento, lideranças da igreja católica continuam a condenar o uso de preservativos, negligenciando a pandemia que mata ao lado e dentro de suas igrejas. Políticas em torno da vida que deixam morrer tantos, ou melhor, fazem morrer²¹. Ao fazer morrer, estas políticas se constroem em torno da morte, se fortificam com a morte, nutrem um Estado assassino que tem desejos: “o desejo é pela eliminação sistemática daqueles corpos que poluem a pureza de uma nação imaginada, um tipo de ‘correia de transmissão’ de uma Europa também imaginada: branca, racional, cristã, heterossexual” (BENTO, 2018, p. 4).

Desejos mortíferos por um Norte “puro”: Norte inexistente, irreal, cuja tentativa de sua construção mata milhões de pessoas a séculos.

19 Falas presentes no minuto 34 do documentário em referência a droga para o tratamento do citomegalovírus. Tradução minha.

20 Registro presente no minuto 40 do documentário.

21 Inspirado na aula de 17 de março de 1976 de Michel Foucault (2005).

Norte que se negou a dar olhos e mover moinhos na preservação da vida das pessoas infectadas pelo HIV devido o fato de sua grande maioria ser formada, naquele momento inicial de explosão da epidemia, por gays, negros, usuários de droga, hemofílicos, transexuais, travestis. O HIV e a aids foram - e continuam sendo - utilizados como forma de assassinar milhões de corpos já marginalizados, corpos-do-Sul.

Mas junto de todo poder existe também uma resistência: “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem reviravolta eventual; toda relação de poder implica, pois, pelo menos de maneira virtual, uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 2014, p. 138). No documentário e nas atuações do ACT UP, as resistências e estratégias de embate construídas são movidas pela raiva e o desejo de vida, produzindo microfissuras que permitem vazar em meio a trama de violência e abuso da vida das pessoas com HIV/aids. Protestos contra o moralismo, gritos na tentativa de abrir olhos e de contaminar espaços tidos como sagrados que se negam a olhar à ferida-epidêmica que dói e mata tantas pessoas. Protestos na consolidação da resposta à negação do direito à sexualidade, à vida, à proteção, ao prazer, ao gozo. Subversão, roubo do sexo apenas reprodutivo, aberturas para o prazer, a experimentação, a diferença.

Imagem 8 – Cena de protesto em frente a igreja católica de São Patrício em Nova York com um balão que remete a um preservativo externo gigante com nome de um líder religioso, presente no minuto 45 do documentário. Foto convertida para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



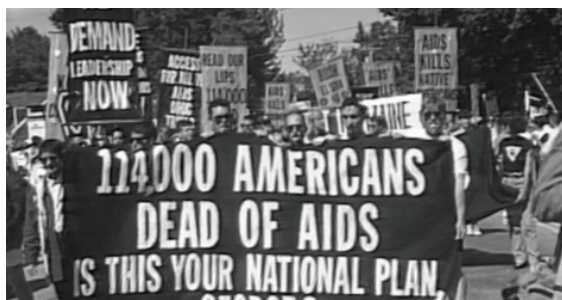
Após cenas de protestos dentro e fora da igreja de São Patrício, em Nova York, segue-se o discurso do líder católico do espaço na qual ocorreu o protesto dizendo que “Estes protestantes acreditam que os protestos vão resultar em alguma mudança de comportamentos, mudanças de atitudes possivelmente. A igreja vai ensinar que atividade homossexual é pecaminosa até o fim dos tempos. Isso não vai mudar”²². Quase trinta anos depois, pensamentos como estes infectados pelos vírus-ódio, vírus-preconceito e vírus-desinformação continuam se fazendo presentes, como no discurso da pastora Ana Paula Valadão²³ ao falar em um evento que a aids existe devido os homossexuais. Tanto se avançou, mas alguns vírus discursivos não foram superados e continuam a disseminar germes mortíferos: o ódio, a desinformação, o preconceito. Quantos são mortos por estes discursos?

De volta ao caminhar-documental, sou transportado para cenários-em-atrito. Discussões por entre protestos e cenas de violência policial. Territórios em disputa. Embates através da luta, do grito, seja ele na rua, nas igrejas, nos congressos, nos funerais. Adentrar territórios proibidos, invadir territórios negados. Disputas-territoriais sangrentas. Luta pela vida. E chega-se em 1990, ano em que registra-se o marco de um milhão e setecentas mil vidas perdidas para a aids.

22 Fala presente no minuto 46 do documentário e tradução minha.

23 A líder evangélica afirmou, segundo a revista Istoé, que a “Aids é consequência da homossexualidade”, como traz o título da matéria. Segundo o site, Ana Paula afirmou que “Muita gente acha que isso é normal. Isso não é normal. Deus criou o homem e a mulher e é assim que nós cremos. Qualquer outra opção sexual é uma escolha do livre arbítrio do ser humano. E qualquer escolha leva a consequências” (acessado no dia 18/09/2020 <https://istoe.com.br/cantora-ana-paula-valadao-afirma-que-aids-e-consequencia-da-homossexualidade/>).

Imagem 9, 10 e 11 – Cenas presentes no minuto 59 do documentário. Na Imagem 9 é possível ver faixas com frases como “114,000 AMERICANS DEAD OF AIDS. IS THIS YOUR NATIONAL PLAN, GEORGE?”, traduzida por “114.000 AMERICANOS MORTOS PELA AIDS. É ESSE O SEU PLANO NACIONAL, GEORGE?”, em referência ao então presidente estadunidense George Bush. Já na Imagem 10, é possível ver o, naquele momento, presidente dos Estados Unidos da América, George Bush jogando golfe, seguida por cena de beijo entre dois homens no gramado de golfe na Imagem 11, intercaladas por protestos e mais protestos que aconteciam em crítica-denúncia-repúdio-pedido-de-socorro ao governante. Fotos convertidas para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



Cenas de protestos (Imagens 9 e 11) contra o, naquele momento, presidente George W. Bush, e seu silêncio mortífero e negligente em relação à epidemia de HIV/aids e as mais de 114 mil mortes naquele momento, intercaladas com ele jogando golfe (Imagem 10). Silêncio cínico. Silêncio que, como enfatiza o ACT UP, é igual a morte²⁴. Mas seu silêncio não calou os corpos em perigo-de-morte que lutavam para viver. O silêncio foi combatido com gritos.

O artista Ray Navarro performa remetendo Jesus em protestos na rua e também em vídeos, denunciando as políticas mortíferas de Estado baseadas na negligência, propagação de desinformação e fundamentalismo religioso. Na Imagem 12 é possível vê-lo em um vídeo incentivando o uso de preservativos. Gritos. Últimos gritos? Jesus tem aids? Suspiros finais, vida *until the end...*

Deus tem aids (VISNADI, 2018, p. 202-204):

Jesus no caminho / Quanto sangra, Senhor, e balbucia / Um
palavras em aramaico que se perdem / Entre os estalos do chicote,
os gritos de alívio do povo

Língua santa no cangote de ninguém / Dois mil anos Te aguardando e Tu não vens

Guardo cada gole de saliva / Na esperança de dar

De beber, sozinho, engulo / Não tem oferta que Tu venhas buscar / Paciência

Conto as cópias de vírus no meu próprio sangue / Balbucio em português outras palavras que se perdem / Entre buzinas de automóveis, meu corpo produz líquidos (...)

Entre atraques com rapazes babacas / Entre amores de verdade e caras casados faz décadas / Nos rabos um gosto de látex / Que as mulheres não farejam

24 Um dos lemas do ACT UP é “Silence = Death” ou “Silêncio = Morte”.

O filho de Deus / Um vírus manso / Pôncio Pilatos e Barrabás /
Renova Teu medo da morte

Agradece / A companhia indiferente / Os covardes que gague-
jam e Te negam

É como qualquer outra coisa / Essa esponja encharcada de
vinagre / Mata a sede e dá saúde até que acabe (VISNADI, 2018,
p. 202-204).

Imagem 12 – Registro presente no minuto 62 do documentário. Na cena o artista Ray Navarro em uma performance remete a Jesus e fala sobre o uso de preservativos. Foto convertida para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



Ápices? Incertezas em níveis insuportáveis. Cuidados. Sarcoma de Kaposi²⁵ na Imagem 13. “Manchas” da morte? Protestos em laboratórios de tratamentos para câncer e HIV/aids. Luta, luta, luta... O ano é 1991 e mais de dois milhões e quatrocentas mil pessoas morreram por aids.

25 Nome de câncer comumente presente em pessoas com estados avançados de aids e imunodepressão.

Imagem 13 – Registro do minuto 64 do documentário. Na cena uma pessoa com Sarcoma de Kaposi recebe cuidados no tratamento do câncer. Foto convertida para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



Confusão. Brigas. Desarticulação. Cansaço. Exaustão. Enfraquecimento do grupo. Na Imagem 14, um grito... “PLAGUE! WE ARE IN THE MIDDLE OF A FUCKING PLAGUE!”, grita Larry Kramer. Traduzindo parte de seu discurso: “PRAGA! NÓS ESTAMOS NO MEIO DE UMA PRAGA FODIDA! (...) PRAGA! 40 MILHÕES DE PESSOAS INFECTADAS É UMA PRAGA FODIDA! NÓS ESTAMOS NO PIOR CENÁRIO QUE JÁ ESTIVEMOS DENTRO! (...) E eu digo para vocês no ano 10 [da epidemia de HIV/aids] a mesma coisa que disse a vocês no ano de 1981 quando existiam 41 casos: até que tenhamos nossos atos juntos, todos nós, estamos praticamente mortos”²⁶.

Grito. Raiva. Revolta. Separação de movimentos, desorganização. Ausência de lideranças. Logo o ano é 1992 e ultrapassa-se a triste marca de mais de três milhões e trezentas mil mortes devido a aids no mundo. Esperança?

26 Parte do discurso de Larry Kramer registrado no minuto 71 do documentário: “PLAGUE! 40 MILLION INFECTED PEOPLE IS A FUCKING PLAGUE! WE ARE IN THE WORST SHAPE WE HAVE EVER, EVER, EVER BEEN IN! (...) and I say to you in year 10 the same thing I said to you in 1981 when there were 41 cases: Until we get our acts together, all of us, we are as good as dead”. Tradução minha.

Imagem 14 – Registro de Larry Kramer durante seu grito-discurso-manifesto. Foto convertida para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.



Inibidores de protease. Mesclando relatos médicos e cenas de protestos, o documentário compõe narrativas de dramas na trama daquele momento. Fazer morrer e fazer viver: Estado e medicina a um fio da escolha mascarada de descoberta.

Cenas de luta política. Luto político. Lut(o)(a). (En)Lutar?

EnLutar coletivamente: construir tapetes gigantescos (Imagens 15 e 16) com histórias, memórias, afetos dos que se foram pela aids. Costurar existências com dores, saudades, raivas, tristezas, amores, em movimentos de memória e solidariedade. Memórias materializadas que tomaram conta das proximidades da Casa Branca, centro governamental dos Estados Unidos. Protesto-ato-intervenção-luto coletivo em movimentos de união e solidariedade. Cenas que vibram o corpo e o transportam para tempos outros.

Tempos de um funeral político policiado (Imagens 15, 16, 17, 18, 19 e 20). Memória pelos que “não deu tempo”²⁷. Caixas com cinzas levadas ao centro da necrobiopolítica²⁸ estadunidense e mundial: a Casa Branca. Em um manifesto emocionante, muitas pessoas levam as cinzas

27 Inspirado em Mosé (2018).

28 Inspirado nos conceitos de necrobiopoder e necrobiopolítica cunhados por Bento (2018).

de seus entes queridos que morreram em decorrência da aids até o centro governamental de racismo estatal e jogam o que resta dos corpos-físicos-positHIVos (Imagens 18 e 20). Levando a morte para a porta dos que fecham os olhos, que matam pelos silêncios. Gritos: “BRINGING THE DEAD TO YOUR DOOR! WE WON’T TAKE IT ANYMORE!”, traduzidas para “TRAZENDO A MORTE PARA SUA PORTA! NÓS NÃO VAMOS ACEITAR ISSO MAIS!”²⁹.

Territórios em disputa. Saudades que tem nome. Chega 1993 e a marca de quatro milhões e setecentas mil vidas perdidas pela aids. Novos medicamentos vão surgindo e, junto deles, novas disputas para que sejam testados e cheguem nas pessoas que neles vêem últimas chances de vida. Passos vagarosos e com pouca eficácia. Pessoas com pressa: o tempo se esvai. Esperança?

Imagens 15, 16, 17, 18, 19 e 20 – Encontros afetivos. Registros do protesto realizado nos entornos da Casa Branca, sede do governo dos Estados Unidos, presentes entre os minutos 78 e 82 do documentário. Nas Imagens 15 e 16 é possível ver a confecção dos tapetes; na Imagem 17, a presença policial; na Imagem 18, a presença de memórias físicas e afetivas. Imagem 19: encontros-afetivos. Imagem 20: encontros: cinzas de alguém que provavelmente morreu em decorrência da aids jogadas na frente da casa branca em protesto. Fotos convertidas para preto e branco. HOW TO SURVIVE A PLAGUE, 2012.

29 Gritos presentes no documentário no minuto 80 e tradução minha.



No ano de 1994, passa-se a triste marca de seis milhões e duzentas mil mortes. Neste mesmo ano, uma nova classe de medicamentos anti-retrovirais³⁰ chega trazendo promissores resultados ao frear o ciclo de replicação do HIV. Novas disputas para sua aprovação no FDA. Disputas, embates, atritos e mais disputas. Interesses econômico-industriais *versus* vidas humanas em seus limites. Saquinavir³¹. Doentes em estado terminal recebendo placebo. Método científico? Ética? Falácia.

Desabafos... com esperanças efetivadas: “[19]93 até [19]95 foram os piores anos. Era um tempo realmente assustador. Eles foram os piores anos. E então nós tivemos sorte³²” relata David Barr. Retratos de

30 Medicamentos utilizados para tratamentos de infecções por retrovírus, como o HIV.

31 Nome de um dos primeiros antirretrovirais da classe dos inibidores de protease desenvolvidos e que é relatado no documentário.

32 Relato de David Barr presente no minuto 95 do documentário e tradução minha.

sobrevivências e vidas resistentes: David Barr, Mark Harrington, Derek Link, Gregg Gonsalves, Spicer Cox, Gregg Bordowitz, Peter Staley... Retorna-se para o ano de 1995 e a marca de oito milhões e duzentas mil pessoas mortas pela aids é passada. Para eles não deu tempo... “Para eles não deu” (MOSÉ, 2018, p. 115-116):

Éramos nus / Na década de oitenta. / A liberdade se impunha.
Corpos expostos, / Almas compartilhadas / Cabeças
Olhos famintos de mundo, / Mas veio a peste;
No umbigo da busca / No plexo / O osso duro de roer / A morte
/ A nos ceifar pelo sexo
Saint Claire foi o primeiro / A desaparecer. / Tião Sá foi o segundo / A ser consumido / Por aquela foice esquisita.
Depois foi Cristina / A perder corpo / Pouco a pouco / Até tomar de dor / Na madrugada.
E eu nem estava.
Nunca pude esquecer / Seus gestos mínimos / Sua delicadeza.
Nem fui capaz de apagar / Os olhos de Tião, na praia / Me dizendo, cara / Agora foi comigo.
Pouco depois ninguém mais / Morria. / Mas para eles não deu tempo. / Para eles não deu (MOSÉ, 2018, p. 115-116).

O documentário segue trazendo relatos da virada para uma nova era na epidemia: a era em que existem combinações terapêuticas capazes de frear a replicação viral e o adoecimento. Ressoa em mim palavras de esperança pelos ventos: “vejo a tristeza e trago a esperança em seu lugar...”³³ Era construída e movimentada pela militância na aceleração de testes, aprovação de drogas, dentre outras lutas e disputas. Mas, se com o advento da terapia antirretroviral mais complexa e eficaz conhecida como coquetel “para muitos deu tempo”, para tantos outros não deu... E continua não

33 Música Palavras ao Vento composta por Marisa Monte e Moraes Moreira.

dando tempo, visto que a aids ainda é uma doença causadora de grande número de mortes³⁴.

A melhoria do tratamento antirretroviral trouxe efeitos fenomenais. Pessoas em situações críticas da doença se recuperando e, em pouco tempo, tornando-se indetectáveis³⁵. A saúde se regenerando... E agora? E o futuro? Novos dilemas, novos problemas, novas situações exigindo respostas também novas.

E assim o documentário caminha para o fim. Entre relatos da quantidade de companhias produzindo os medicamentos antirretrovirais inibidores de protease e possíveis mortes evitadas, altera-se o cenário dos militantes: cenas na praia, em climas-outros. Para eles deu tempo. Praia-esperança. Dilemas novos.

Finaliza-se lembrando dos que não deu tempo e continua não dando tempo: segundo o documentário, por ano, cerca de duas milhões de pessoas morrem de aids por não ter acesso aos medicamentos antirretrovirais, cinco mil e quinhentas pessoas todos os dias e quatro pessoas por minuto³⁶. Para muitos continua não dando tempo. É preciso que os ventos continuem, independente de suas origens, para mover moinhos em direção a mundos outros.

34 Segundo o site da UNAIDS, “em 2018, cerca de 770.000 [570.000—1,1 milhão] de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS em todo o mundo” (acessado em 19/09/2020 <https://unaid.org.br/estatisticas/#:~:text=Mortes%20relacionadas%20C3%A0%20AIDS&text=Em%202018%2C%20cerca%20de%20770.000,%2C6%20milh%C3%A3o%5D%20em%202010>).

35 Chama-se de indetectável quando a pessoa vivendo com HIV possui quantidade tão baixa de cópias do vírus em seu organismo que não é detectado por exames moleculares. Hoje, através de diversos estudos científicos, sabe-se que uma pessoa indetectável torna-se também intransmissível nas relações sexuais. Assim, *Indetectável = Intransmissível*, ou $I=I$.

36 Informações presentes nas cenas finais do documentário, no minuto 103. Trazem frases que, traduzidas para o português consistem, respectivamente, em: “O número de pessoas que morre porque não pode acessar drogas para a aids: 2.000.000 todo ano”; “O número de pessoas que morre porque não pode acessar drogas para a aids: 5.500 todo dia”; “O número de pessoas que morre porque não pode acessar drogas para a aids: 4 todo minuto”. Tradução minha.

O que venta no Sul?

Quantos somos? Quantos podemos ser?

Quantos de mim e quantos de nós?

Paulo Buenoz (2009, p. 268)

Ressonâncias dos nortes, conexões com os suís. “Jurei mentiras e sigo sozinho, assumo os pecados. Os ventos do Norte não movem moinhos”³⁷, mas podem inspirar ventos outros, ressoar no Sul, afetar também na potência de criar diferenças. A epidemia atingiu e atinge o mundo de maneiras variadas de acordo com cada região. Pensar em HIV e aids é pensar em recortes histórico-temporais e também geográficos. Se hoje, com o advento da terapia antirretroviral com medicamentos potentes é possível viver com HIV tendo qualidade de vida, mesmo assim a aids continua matando milhares de pessoas diariamente, se disseminando em todos os continentes, independentemente de faixa etária, gênero e orientação sexual - não excluindo que alguns grupos são mais vulnerabilizados em determinados contextos do que outros.

Atualmente, mesmo “com quase 40 anos de resposta [à epidemia], a AIDS ainda é a principal causa de morte de mulheres com idades entre 15 e 49 anos, e cerca de 6 mil jovens com idades entre 15 e 24 anos são infectadas pelo HIV a cada semana”, afirmam as Nações Unidas Brasil³⁸. Até o ano de 2018 a aids tinha encerrado a vida de cerca de 32 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo a UNAIDS³⁹.

37 Música Sangue Latino de autoria de João Ricardo e Paulinho Mendonça, gravada no álbum 1973 da banda Secos e Molhados.

38 Presente no site oficial das Nações Unidas Brasil (acessado no dia 19/09/2020 <https://nacoesunidas.org/aids-ainda-e-a-principal-causa-de-morte-de-mulheres-em-idade-reprodutiva-no-mundo/#:~:text=Com%20quase%2040%20anos%20de,pelo%20HIV%20a%20cada%20semana>).

39 Segundo o site oficial da UNAIDS, “32 milhões [23,6 milhões—43,8 milhões] de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS desde o início da epidemia (até o fim de 2018)” (acessado no dia 19/09/2020 <https://unaids.org.br/estatisticas/#:~:text=Mortes%20relacionadas%20C3%A0%20AIDS&text=Em%202018%2C%20cerca%20de%20770.000,%2C6%20milh%C3%A3o%5D%20em%202010>).

Paralelamente, além de matar fisicamente tantas pessoas, muitas experiências que acompanham a vivência com o HIV também matam socialmente tantas outras pessoas devido o estigma que ainda circunda o vírus, permeado de tabus, moralismos, culpas, ódios, levando muitos a não se testarem e outros já em tratamento a abandoná-lo, além de potencialmente desencadear processos de adoecimentos físico-psicológicos. Segundo o estudo publicado pela UNAIDS Brasil intitulado de “Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS BRASIL”, “64,1% das pessoas entrevistadas já sofreram alguma forma de estigma ou discriminação pelo fato de viverem com HIV ou com AIDS”⁴⁰. Assim, percebo que os dilemas em relação ao HIV/aids vividos nas décadas de 80 e 90 retratados no documentário hoje já são outros. Mortes continuam existindo, mas em decorrências outras.

No Brasil, país com mais de 800 mil pessoas vivendo com HIV/aids atualmente⁴¹, grande parte destas não sabe da presença do vírus em seus corpos⁴² e podem descobrir em estágios avançados da infecção. “Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos... Meu sangue latino”⁴³. Registrando no ano de 2018 mais de 10 mil mortes em deco-

40 Dado divulgado no site da UNAIDS (acessado no dia 19/09/2020 <https://unaids.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>).

41 Em matéria publicada pelo Ministério da Saúde no ano de 2019, afirma-se que “estima-se que 866 mil pessoas vivam com o vírus HIV no Brasil” (acessado no dia 19/09/2020 <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45465-brasil-mais-do-que-dobra-o-tempo-de-sobrevida-de-pessoas-com-aids#:~:text=PANORAMA%20ATUAL%20DA%20AIDS%20NO%20BRASIL&text=Atualmente%2C%20estima%2Dse%20que%20866,e%2037.791%20casos%20de%20aids>).

42 Segundo o Ministério da Saúde, em matéria publicada no ano de 2019, “135 mil brasileiros vivem com HIV e não sabem” (acessado no dia 19/09/2020 <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/135-mil-brasileiros-vivem-com-hiv-e-nao-sabem>).

43 Música Sangue Latino de autoria de João Ricardo e Paulinho Mendonça, gravada no álbum 1973 da banda Secos e Molhados.

rrência da aids⁴⁴, penso que, definitivamente, acreditar que esta é uma questão resolvida é uma visão equivocada.

Que os ventos – do Norte, Sul, Leste e Oeste – ventem nas terras brasileiras, em misturas híbridas, em multiplicidades, inspirando-nos a pensar em posicionamentos para seguir lidando com as epidemias e pandemias na atualidade, nos contextos do Brasil e para o Brasil. Pensar com ventos do Norte – e Leste, Oeste – não é necessariamente se perder do Sul: é pegar as potências das ressonâncias que atravessam corpos e vidas para mover moinhos aqui, lá e acolá, muitas vezes criando suís também nos nortes, desterritorializando, subvertendo.

Ventar com o Sul e pelo Sul. Com a força dos moinhos em movimentos latinoamericanos, lutar contra a colonialidade do poder que insiste em permanecer, matando e marginalizando tantos conhecimentos, epistemologias, corpos e vidas do Sul, inspirado no estudioso decolonial Aníbal Quijano em seu texto “Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina” (2005).

Em um devir-vírus, se contaminar com a força e desejo de mudança que movimentou tantos na luta pelo direito de um tratamento, de receber atenção e cuidado, de ser respeitado e socialmente incluído. Os problemas relacionados ao HIV/aids são muitos e dialogam com questões relacionadas à homofobia, machismo, racismo, classe social, localização geográfica. Como um corpo-vírus, infectar espaços com críticas, posicionamentos, pensamentos, reflexões, dobras, inflexões. Vírus?

O HIV é mais que um vírus-biológico: é também vírus-ideológico, social, cultural, histórico, discursivo. Atravessa toda a sociedade – de maneiras diferentes de acordo com cada grupo – mas continua mar-

44 No site oficial do Ministério da Saúde divulga-se o número de mortes pela aids no Brasil: “10,9 mil em 2018” (acessado no dia 19/09/2020 <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46095-135-mil-brasileiros-vivem-com-hiv-e-nao-sabem#:~:text=O%20Brasil%20conseguiu%20evitar%20,2020,no%20Brasil%20e%20n%C3%A3o%20sabem>).

ginalizando grupos determinados na sombra de um passado de dor e sofrimento: até hoje se associa HIV/aids à homossexualidade, como infecção exclusiva de pessoas com determinadas características, presente em falas como de Valadão citada acima, sendo que no Brasil o grupo de pessoas heterossexuais vivendo com HIV/aids e se infectando anualmente é muito grande⁴⁵.

Neste mesmo caminho, percebo, por exemplo, o descaso com o cuidado e políticas públicas que atendam a homens heterossexuais, como afirmam Andréa Leal, Daniela Knauth e Márcia Couto (2015) “os homens heterossexuais foram esquecidos tanto das intervenções quanto da produção científica sobre HIV/AIDS” (LEAL; KNAUTH; COUTO, 2015, p. 152), sendo “urgente lançar um olhar sobre de que forma os cruzamentos entre categorias como gênero, classe social, raça/etnia, fase de vida, faixa etária, entre outros afetam o comportamento e as estratégias preventivas acionadas pela população masculina” (LEAL; KNAUTH; COUTO, 2015, p. 152). Entendo que esse olhar interseccional deve passar também pelas vivências femininas, negras, indígenas, do Norte, Sul, Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste brasileiro, das capitais e também dos interiores. As vivências das diferenças. Pensar com ventos do Sul é pensar no que demanda o Sul, com suas especificidades e necessidades de atenção. O que venta nos corpos?

Mesmo com grande incidência em heterossexuais, pensar em HIV/aids não é fechar os olhos para situações criadas histórico-cultural-socialmente que geram maior vulnerabilidade para alguns corpos, como em relação aos homens que realizam sexo com outros homens,

45 No boletim epidemiológico publicado pelo Ministério da Saúde no ano de 2018, afirma-se que a partir de dados colhidos entre 2007 e 2018, verificou-se que “entre os homens, no período observado, verificou-se que 59,4% dos casos foram decorrentes de exposição homossexual ou bissexual e 36,9% heterossexual, e 2,6% se deram entre usuários de drogas injetáveis (UDI). Entre as mulheres, nessa mesma faixa etária, nota-se que 96,8% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual e 1,6% na de UDI” (BRASIL, 2018, p. 7).

que tem, estatisticamente, chances de se infectar pelo vírus muito maior do que homens que não realizam estas práticas⁴⁶.

Outros grupos também vulnerabilizados são mulheres trans e travestis, usuários de drogas, profissionais do sexo, pessoas em situação de rua, camadas mais pobres, mulheres em relacionamentos abusivos, negros, dentre outros. Analisar as vulnerabilidades é compreender as sinuosidades das vivências de cada grupo, de cada lugar, de cada Sul, como também as tramas do poder colonial que marginalizam e vulnerabilizam estas vidas. “A vulnerabilidade não está, de modo essencial, no corpo da mulher, do jovem negro, do indivíduo gay, das travestis, transexuais ou transgêneros, do usuário de drogas, mas nas relações sociais que constroem essas vidas como vidas que não importam”, afirmam Fernando Seffner e Richard Parker (2016, p. 6), na medida em que refletem que a solidariedade é um caminho de luta contra os movimentos de vulnerabilização da vida perante à aids.

Todos somos vulneráveis para a infecção pelo HIV, porém cada grupo necessita de atenção e cuidado próprios: pensar pelo Sul é também pensar localizado, de dentro para dentro, dialogando com o fora, o Norte, o Leste, o Oeste. E indagar: por que alguns grupos morrem mais do que outros? Por que o preconceito continua a marginalizar e esconder as pessoas vivendo com HIV/aids, levando-as a processos de adoecimentos, mortes físicas e sociais?

Será que podemos nos contaminar com a raiva-transformadora do ACT UP, assim como a força e solidariedade de tantas instituições do

46 O site do Ministério da Saúde traz que um “Estudo do Ministério da Saúde mostra que homens que fazem sexo com homens têm 11 vezes mais risco de contrair o vírus da aids, se comparados com homens que mantêm relações sexuais apenas com mulheres. Atualmente, 0,4% da população heterossexual masculina está infectada pelo HIV, contra 4,5% dos que mantêm relações homossexuais” (acessado no dia 19/09/2020 <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-homens-que-fazem-sexo-com-homens-hsh-2002>).

Brasil, como o Grupo de Incentivo à Vida - GIV⁴⁷, Grupo pela Vidda⁴⁸ e a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids (RNP+)⁴⁹? E a partir dessas contaminações, em um devir-vírus, em forças coletivas-solídárias, ventar nas escolas, mídias, produções audiovisuais, espaços acadêmicos, hospitais, ruas, boates, saunas, cemitérios. Desnortear!

“Desnortear, desejando sair de um norte, de uma direção, de uma linha de ajuste” (ANDRADE; CARVALHO, 2019, p. 929). Se perder das linhas duras que ditam caminhos certos em direções prontas, escolhidas, acabadas, na (des)construção de uma liberdade-emanipatória-descolonizante que possibilite criar mundos outros pelo Sul, para o Sul, por-e-para os corpos dissidentes que tanto morreram e ainda morrem *day after day*, dia após dia. Já que o “o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida” (BENTO, 2018, p. 14), nos resta gritar. Ventar com gritos que acabem com os silêncios que ainda restam e insistem em invisibilizar tantas vidas e deixar morrer tantas pessoas, na potência de pensar e criar mundos outros e outros e outros...

47 “Somos um grupo que luta pelos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS, e das populações mais vulneráveis à infecção pelo HIV”, diz a página oficial do Grupo de Incentivo à Vida - GIV em seu site (acessado em 19/09/2020 <http://giv.org.br/GIV/Quem-Somos/index.html>).

48 “O Grupo Pela VIDDA do Rio de Janeiro (GPV-RJ) foi fundado em 24 de maio de 1989, pelo escritor Herbert Daniel. Trata-se do primeiro grupo fundado no Brasil por pessoas vivendo com hiv e aids, seus amigos e familiares”, diz a página oficial do Grupo Pela Vidda em seu site (acessado em 19/09/2020 <http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/quem-somos/>).

49 Para mais informações sobre a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (RNP+ BRASIL), acessar o site <http://www.rnpvha.org.br/> (acessado em 20/09/2020).

Referências

ACT UP. **Manifesto Queer Nation**. Tradução de Roberto Romero. Belo Horizonte: Caderno de Leituras nº 53 - Série Intempestiva, 2016.

ALÓS, Anselmo Peres. **Corpo infectado/corpus infectado: aids, narrativa e metáforas oportunistas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-11, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n357771>.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; CARVALHO, Daniela Franco. **Vermelhos ritmos e(m) biologias**. Etd - Educação Temática Digital, Campinas, v. 21, n. 4, p. 926-940, 31 out. 2019. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v21i4.8654805>.

BENTO, Berenice. **Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?**. In. Cadernos Pagu n.53, 2018.

BRASIL. **HIV AIDS 2018: Boletim Epidemiológico**. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde - Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>. Acesso em: 19 set. 2020.

BUENOZ, Paulo Lima. **CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações**. Bagoas: Revista de Estudos Gays: Gênero e Sexualidades. v. 3, n. 4, p. 233-270, 2009

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Paz & Terra, São Paulo, ed. 57, 143 p., 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: FOUCAULT, Michel. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 118-140. (Coleção Ditos e escritos). IX. Manoel de Barros Motta (org.). Tradução: Abner Chiquieri.

HOW TO SURVIVE A PLAGUE. Direção: David France. Produção: Howard Gertler; David France. Estados Unidos: Public Square Films, 2012.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, 80 p.

LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, Daniela Riva; COUTO, Márcia The-reza. **The invisibility of heterosexuality in HIV/AIDS prevention for men**. Revista Brasileira de Epidemiologia, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 143-155, set. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4503201500050011>.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973. 95 p.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MIGLIORIN, C; BARROSO, E. I. **Pedagogias do cinema: montagem**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 44, n. 46, p. 15-28, 2016.

MOSÉ, Viviane. **PARA ELES NÃO DEU**. In: MELLO, Ramon Nunes. **TENTE ENTENDER O QUE TENTO DIZER: poesia + hiv / aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 115-116.

OLIVEIRA, Thiago Ranniry Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2012.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. 2. ed. Jandira: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2019. 364 p.

QUIJANO, Aníbal. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 19, n. 55, p. 1-31, 2005.

RACHID, Marcia. **SENTENÇA DE VIDA**: histórias e lembranças: a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011. 247 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32 p.

SEFFNER, Fernando; PARKER, Richard. **Desperdício da experiência e precarização da vida**: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 293-304, 16 fev. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0459>.

VISNADI, Marcos. DEUS TEM AIDS. In: MELLO, Ramon Nunes. **TENTE ENTENDER O QUE TENTO DIZER**: poesia + hiv / aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 202-204.